

A QUIROMANTE: SEQUÊNCIA

Gillette Audio — Nando o Escriba — gillettenarrative.com

O encontro com a quiromante portuguesa de noventa e dois anos em Boston, poucos dias antes, tinha deixado uma surpresa e uma lembrança agradável dentro do meu silêncio, junto com um sorriso que não dizia palavra alguma mas pensava sempre a mesma coisa: e agora o que vai acontecer que eu já não tenha previsto?

A disciplina esotérica, dentro de Pitágoras e da sua geometria, tinha sido a minha base cultural nos últimos trinta e três anos. Magia, branca ou negra, eu nunca havia realmente encontrado — tinha usado ironicamente, para fins nobres, apenas na leitura de horóscopos e signos do zodíaco. Não custava nada, toda manhã, ler as coluninhas dos jornais, e eu direcionava a utilidade delas a uma só coisa: conquistar mulheres lindas, impossíveis, mulheres que diziam não estar esperando homens, mas que procuravam sempre exatamente um como eu.

Naquela noite voltei ao hotel, na Twelfth Street — embora não fosse realmente um endereço da cidade, era só eu contando o número de quarteirões do restaurante até onde eu dormia, para não me perder.

O jantar era o mesmo de sempre, havia anos — eu jamais abriria mão do meu linguine com lagosta no MAIN, daquele que falava inglês, enquanto o meu falava africâner e nem sempre era compreensível, uma mistura de línguas tribais africanas e holandês.

Sobre o vinho não havia dúvida: uma taça por refeição, sempre, tinto, italiano — o paladar não pedia outra coisa. Mas quando era o bolso que ditava o ritmo, não havia o que fazer senão abrir mão e passar para a água da torneira.

Meu quarto era lindo, cheio de comodidades que permaneciam fechadas — uma piscina, um campo de golfe, uma sauna, uma sala de massagem, duas loiras e duas negras e uma ruiva, um jardim de inverno, tudo dobrado dentro de um único quadro pendurado na entrada como um quebra-cabeça.

E depois aquela cama de solteiro, onde virar de lado fazia as molas gritarem, uma poltrona vermelha cheia de furos, uma mesinha — tudo incluído no preço, alguns dólares por noite, pagos antes de entrar.

O banheiro era a peça de destaque — o primeiro verdadeiro banheiro por chamada da história. Bastava gritar: está livre? Se ninguém respondesse em dez segundos, era seu — um espaço no corredor servindo vinte quartos, unissex, para não criar desigualdade.

Eram 22h34. Eu estava cansado, prestes a adormecer, quando ouvi uma batida na porta. Achei que alguém tivesse errado o quarto e não me levantei. Depois veio outra batida, e pelo relógio eram 2h46 — o tempo seguindo assim mesmo, sem que ninguém percebesse.

Levantei-me para abrir a porta e não encontrei ninguém. Quando me virei de volta para a cama, alguém estava sentado na minha poltrona vermelha. Frega, disse ele, finalmente te encontrei.

A imagem dele era embaçada, não humana, como um reflexo. Tentei entender se era algum truque dentro de um holograma. Não encontrei nada que confirmasse.

Não adianta olhar, nem tentar descobrir quem eu sou — vou te poupar o trabalho. Sou o fantasma que você conheceu na casa da quiromante, e vim para saber o final do volume 15 da saga Gillette. Em troca, vou te dar dois segredos para o seu GILLETTENARRATIVE.

Se eu tivesse contado essa história a alguém, teriam me internado no Boston Hospital na hora. Então tratei de nunca contá-la a viva alma.

A parte final do livro 15 é esta:

Duas cubanas, mãe e filha, jovens e bonitas, tinham cada uma — em momentos diferentes, de maneiras diferentes — reservado espaço para ficar a sós comigo, para conversar, e cada uma saiu dali abalada. As duas queriam a mesma coisa: casar comigo.

Nunca usei aliança, por causa de um defeito congênito nos meus dedos, atestado antes do meu casamento em 1993 — e minha mulher aceitou também esse meu defeito.

Certa manhã deixei Cuba. Peguei o primeiro voo para a Itália sem reserva — quem conhece aqueles lugares pode imaginar a dificuldade, mas nunca como consegui — dizendo às mulheres, uma a uma, em total confiança, que eu voltaria logo, que me casaria com elas. Nunca aconteceu.

Pensei que um dia elas se esqueceriam de mim e das minhas promessas. Em vez disso, não: decidiram contratar um Aifá da religião africana de Orulá, para invocar o mal e lançar sobre mim uma maldição de morte — dessas que não têm reembolso.

E estava funcionando. Fui levado às pressas para a terapia intensiva, a antessala da morte, depois que encontraram um nível de hemoglobina abaixo de cinco por cento, líquido nos pulmões, dificuldade para respirar — e o laudo me dava trinta e seis horas de vida, no máximo.

A funerária também chegou, e colocou o caixão ao lado da cama. Eu vi tudo. Não tinha mais força para empurrar um sopro para fora. Mesmo assim, nunca me ocorreu escrever.

Tudo parecia pronto. Tudo seguia conforme o ritual da magia negra, quando, depois de trinta e três horas, levantei-me da cama, arranquei todos os tubos e saí da ala de pijama para ir para casa.

Andei cinco quilômetros a pé, toquei a campainha, e minha mulher desmaiou. Disse a ela que fizesse pasta e fagioli, eu estava com fome. Vinte minutos depois os Carabinieri tocaram a campainha, avisados pelo hospital.

Procuravam o morto, e quando eu disse que era eu, agarraram os próprios colhões e foram embora.

Chegou o momento de dizer ao meu hóspede que aquilo era parte do final, e que eu pedia que fosse embora, dada a hora. Ele sorriu: você não está curioso para saber o que eu tenho para te contar?

Eu disse que não — porque curiosidade é coisa de mulher. As mulheres a vestem para vencer outras mulheres. E minha mãe sempre me disse uma coisa: continue homem dentro da cabeça de uma mulher.

Ferdinando

© 2026 Ferdinando Frega — Todos os direitos reservados
Gillette Audio — Registro de copyright nos EUA em andamento